

**“VAI PENSANDO AÍ...”:
A FUNÇÃO MODAL DA PM “AÍ” NA ESCRITA COLABORATIVA
DE ESCOLARES**

**“VAI PENSANDO AÍ...”:
THE MODAL FUNCTION OF MP "AÍ" IN COLLABORATIVE
SCHOOL STUDENTS' WRITING**

Islan Lisboa da Silva (UFAL)¹

Sônia Cristina Simões Felipeto (UFAL)²

Resumo: Nesse artigo, analisamos as funções de “aí” como partícula modal (PM), exercendo o papel de estratégia de preservação da face, nos atos de fala, em enunciados imperativos. As PM são lexemas responsáveis por acentuar a atitude do falante junto ao enunciado. Avaliaremos um *corpus* que contou com 2.656 turnos de fala, em textos dialogais espontâneos de uma díade recém-alfabetizada, enquanto combina e escreve a produção de contos, dentro da metodologia da Escrita Colaborativa. Buscaremos nesse trabalho, contabilizar e descrever de forma pragmática os usos da PM “aí”, na conversa das escolares e analisar a função dessa partícula no enunciado.

Palavras-chave: partícula modal; polidez; escrita colaborativa

Abstract: In this paper, we will analyze the functions of “aí” as a modal particle (PM), playing the role of a face preservation strategy, in speech acts, in imperative utterances. PM are lexemes responsible for accentuating the speaker's attitude towards the utterance. We will evaluate a corpus that had 2,656 turns of speech, in spontaneous dialogic texts of a newly literate dyad, while it combines and writes the production of short stories, within the methodology of Collaborative Writing. In this work, we will try to pragmatically record and describe the uses of the MP “aí” in the schoolchildren's conversation and analyze the function of this particle in the utterance.

Keywords: modal particle; politeness; collaborative writing

Introdução

O objetivo desse artigo é analisar o uso da partícula modal “aí”, que ocorre no texto dialogal de uma díade recém-alfabetizada (no ano de 2013) e seu papel como estratégia de preservação da face (polidez). As partículas modais (PM) são lexemas, palavras ou grupos de palavras e expressões que estão distribuídas em diversas categorias gramaticais, como interjeições, advérbios, verbos etc.

Essas partículas estão presentes não somente na língua falada cotidianamente, mas também em textos escritos. É por meio delas que o falante valida sua posição frente ao enunciado. Tais partículas têm uma marcante função comunicativa, realçando o ato enunciativo pelo seu caráter

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: islanlisboa@yahoo.com.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7279-9972>

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), professora associada da Universidade Federal de Alagoas: Faculdade de Letras (FALE), Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGL). E-mail: cristinafelipeto@fale.ufal.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3729-0796>

modalizador e desempenhando papéis de anuência, confirmação, atenção, conclusão, confirmação, entendimento e exortação (FIGUEREDO, 2015). Como exemplos de PM, podemos citar: **ué, uai, né, tá, hein, ó, ah**, dentre outras.

As PM são abundantes em outros idiomas, como o russo, o holandês e o alemão. E tomando este último como exemplo, tal abundância constitui dificuldades para estudantes não nativos da língua germânica (ARANTES, 2017), sob pena de que se desenvolva um alemão rígido e atípico, pelo fato de esses falantes estrangeiros não as incorporarem ao diálogo (SOUZA, 2008), diferentemente de como se é falado pelos nativos.

Neste artigo analisaremos os diálogos de uma díade³ que escreve conjuntamente uma história inventada em ambiente escolar, cujo processo, registrado pelo Sistema Ramos, nos permitiu ter acesso ao que as alunas dialogavam enquanto escreviam. Tal procedimento, que será detalhado mais à frente, ocorre por meio da escrita colaborativa, na qual um aluno dita, outro escreve, e juntos refletem sobre o processo da escrita através do feedback imediato, uma das vantagens dessa metodologia.

Discutiremos a função modal da PM *aí*, no texto dialógico (conversa espontânea) da díade em cinco contos produzidos pela dupla, buscando identificar sua importância e sua função comunicativa dentro dos enunciados, no tocante aos atos de fala. Acreditamos, conforme Johnen (1994) que essa partícula tem o emprego de atenuar ou intensificar orações imperativas na troca dialógica.

1 Quadro teórico

Nosso objeto situa-se no ato do dizer, na enunciação. As PM constituem um importante instrumento enunciativo, sendo abundantes no texto dialógico, que, por sua vez, consolida a enunciação. Com esse breve enquadramento, procuramos justificar a necessidade de recorrer à Linguística da Enunciação, como um dos nossos aportes teóricos.

Mais exatamente, a Teoria Enunciativa Benvenistiana, que define que “[...] o conceito de enunciação seja o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, pois de acordo com Flores e Teixeira (2009, p. 37), cada vez que o locutor se apropria do aparelho formal da enunciação – e por ele se apropria da língua toda –, produz uso novo e como tal irrepetível.

E o que diferencia uma perspectiva enunciativa de outras perspectivas? Por que nos propomos, também, a investigar esses dados à luz da Linguística da Enunciação? Para nos auxiliar a responder a essas indagações, recorreremos à tese trabalhada por Silva:

Embora muitas pesquisas em enunciação tenham privilegiado certos fenômenos linguísticos como alvo de suas abordagens, considerando algumas classes de palavras (pronomes adjetivos, advérbios) e alguns mecanismos concebidos como enunciativos (discurso relatado, pressuposição etc.), defendemos, com Flores & Teixeira [...], que diferentes fenômenos linguísticos e de qualquer nível (sintático, morfológico etc.) podem ser abordados por uma visão enunciativa [...] (2007, p. 199).

³ Estes dados fazem parte do Banco de dados de Práticas de Textualização na Escola – PTE, que tem sido formado e organizado pelo professor Eduardo Calil, desde 1996 Dados pertencentes ao Laboratório do Manuscrito escolar – LAME, da Universidade Federal de Alagoas.

Acreditamos, respaldados em Benveniste (1989, p. 87), que “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação discursiva com o parceiro, sendo ele real ou fictício, individual ou coletivo”. Dessa forma, procuraremos analisar como essa interação discursiva, entre parceiros que escrevem colaborativamente, ocorre quando estes fazem uso, no texto dialogal, da PM “ai” como elemento modalizador.

Recorreremos também ao papel semântico-pragmático de uma PM, já que estas teriam uma função atenuante (polidez) nos atos de fala, aos estudos que reconhecem a *pragmática* como princípio basilar para versar sobre tais questões. Estes conceitos, *polidez* e *atos de fala*, foram analisados pioneiramente por Austin (1962), que reconhecia a linguagem, não somente com o papel de transmitir informações, mas para também atuar regulando as relações sociais entre os interactantes de um diálogo. Após Austin, esses estudos foram revistos e ampliados por Searle (1979).

A Teoria dos atos de fala considera que toda enunciação constitui um ato, que, por sua vez, está dividido em ato locutório, ato ilocutório e ato perlocutório. O ato ilocutório corresponde ao ato que o locutor realiza quando pronuncia um enunciado em condições comunicativas e com certas intenções, tais como ordenar, avisar, criticar, perguntar, convidar, ameaçar etc.

Assim, num ato ilocutório, a intenção comunicativa de execução vem associada ao significado de determinado enunciado. Searle (1969 e 1979) ainda derivou esse ato, subdividindo-o em seis categorias distintas:

- *ato ilocutório assertivo* - realizado por um locutor quando profere um enunciado que implica em um determinado comprometimento com o valor relativo de verdade/falsidade, este ocorre com verbos assertivos e expressões verbais;
- *ato ilocutório diretivo* - ato no qual um locutor busca levar um alocutário a fazer ou dizer alguma coisa;
- *ato ilocutório compromissivo* - realizado por um locutor que pretende se comprometer com determinada ação no futuro;
- *ato ilocutório expressivo* - ato pelo qual se pretende exprimir sentimentos ou emoções, frente ao estado das coisas, representado pelo conteúdo do enunciado produzido;
- *ato ilocutório declarativo* - institui ou altera um estado de coisas pela simples declaração de que elas existem. Tal ato está associado a rituais como casamentos ou batismos e deve obedecer às regras linguísticas da instituição em questão (igreja, tribunal) / *ilocutório declarativo assertivo* – ato declarativo em que o locutor tem autoridade específica para declarar alguém apto ou inapto para algo ou excluir ou aceitar alguém, em um concurso por exemplo. Esses atos são simultaneamente declarações e asserções;
- *ato ilocutório indireto* - o locutor intenciona dizer algo diferente daquilo que expressa, contando com a competência do alocutário para reconhecer o objetivo ilocutório do enunciado. Seria, basicamente, um pedido ou ordem “disfarçado” de afirmação, como por exemplo falar que está quente esperando que o ouvinte abra uma janela ou ligue o ar-condicionado.

Ramos (2000) faz um recorte dentro das divisões dos atos de fala, unidades básicas da comunicação linguística. Aprofundando-se mais nesses conceitos, o objeto por ele analisado é encontrado no ato ilocutório indireto, no qual podem ocorrer as perguntas retóricas. Para que seja entendido como essas estruturas são empregadas em enunciados, assim explana o linguista português:

Se, em alguns casos, se pode verificar uma certa regularidade entre a produção de determinado acto de fala e o emprego de certas estruturas formais particulares (por exemplo, a presença de verbos no imperativo nas ordens, ou da estrutura prosódica ascendente nas perguntas), tal não é universal. De facto, facilmente verificaremos que, com frequência, empregamos estruturas típicas de determinado grupo de actos de fala para realizar um ato que “corresponderia” a outra estrutura. Nesse caso, estaremos na presença dos chamados actos indirectos (2000, p. 1).

No que tange à polidez e à linguagem, estudiosos, a exemplo de Brown e Levinson (1987), apontam que estratégias de polidez costumam ser usadas em situações em que existem riscos de conflito entre os partícipes de uma interlocução. Estes pesquisadores intitularam de *face*⁴ (p. 311) a autoimagem pública que todo indivíduo tem, consistindo em dois aspectos distintos:

Face negativa: contestação de territórios, reserva pessoal, direito a não distração, ou seja, liberdade de ação e de não sofrer imposição;

Face positiva: autoimagem ou personalidade (incluindo o desejo de que seja apreciada e aprovada) clamada pelos interactantes de um diálogo.

Ainda consoante Brown e Levinson (*op. cit.*), existem atos que ameaçariam a face. Esses atos foram distribuídos em quatro categorias, a saber:

- a) *Atos que ameaçam a face positiva do ouvinte*: desaprovação, críticas, insultos e acusações;
- b) *Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte*: pedidos, ordens, sugestões, conselhos, avisos;
- c) *Atos que ameaçam a face positiva do falante*: pedidos de desculpa, humilhação, confissão;
- d) *Atos que ameaçam a face negativa do falante*: aceitação de ofertas e de agradecimento.

Para amenizar esses atos que ameaçam a face, lança-se mão de determinados recursos linguísticos de polidez, como forma de estratégia para preservação da face ameaçada. Neste artigo, observaremos o papel modal da partícula “*Ai*”, como um desses mecanismos linguísticos, visando suavizar a força dos comandos. Em pesquisas anteriores, (SILVA, 2017; FELIPETO & SILVA, 2019) notamos que tais partículas podem ser usadas para atenuar enunciados imperativos, posto que a modalidade, imbricada em uma PM assumiria o efeito atenuante.

Para elucidar o que seria essa modalidade, valemo-nos de duas definições, em que ela é entendida como: “[...] o que modifica o predicado de um enunciado” (GREIMAS-COURTÉS, 1989, p. 282), e com a contribuição de Franco (1991), que acrescenta que

[...] a noção de modalidade não é assunto claro e inequívoco para todos os estudiosos. Para o interesse do presente estudo, a modalidade referir-se-á, antes de mais, a uma ‘categoria que, incluindo o modo, exprime a atitude do locutor para com o enunciado’ (p. 183).

Entendemos, com base nas palavras de Franco, que o uso de uma PM pode vir a calhar como uma estratégia de polidez, ressaltando que a atitude de um locutor para com seu alocutário, na tentativa de preservar atos que ameaçariam a face negativa do ouvinte poderiam ser atenuados com uso de determinadas PM, e nesse caso, “*a?*”, poderia cumprir esse papel.

⁴ Tradução nossa para “*face, the public self-image that every members claim for himself [...]*”

2 As partículas modais

Franco (1990), além de cunhar o termo *partículas modais*, procura demonstrar linguisticamente como algumas palavras (*afinal, acaso, bem, cá, então, já, sempre, também*) são classificadas tradicionalmente pelas gramáticas portuguesas como advérbios, interjeições ou ainda categorizadas como expressões ou partículas de realce, além de abordá-las sob uma perspectiva pragmática. Para tanto, assim esclarece:

A designação que uso para este conjunto, embora completamente alheia aos estudos linguísticos portugueses, justifica-se além do mais, por uma questão de adequação e uniformidade terminológica e reporta-se rigorosamente àqueles lexemas que se empregam em enunciados como: ‘Afinal ainda não chegaram?’, ‘Então, como foi o passeio?’, e ‘Sempre chegaste a encontrá-lo?’ (p. 175).

Assim, o linguista português, aponta problemas encontrados nos estudos desses lexemas, no tocante à sua classificação por parte dos gramáticos, o que fez com que esse fenômeno de nossa língua continuasse carecendo de tratamento mais adequado.

Para tal empreitada e a fim de elucidar essa problemática das PM, Franco (*op. cit.*) traça um estudo diacrônico, desde a Grécia antiga, onde já se começava a diferenciar e definir as partes do discurso, passando pelos gramáticos latinos que

[...] limitaram-se a seguir, a traduzir e comentar os gregos, foram pouco originais nos estudos sobre sua língua e, sobretudo, não dedicaram atenção especial a certas palavras empregadas frequentemente na linguagem falada, como sejam as que se prendem com subentendidos e com questões argumentativas (p. 176-178).

Essa diferenciação entre as partes do discurso pelos estudiosos latinos, deixando as PM “dispersas” por categorias distintas, ou até mesmo ausente das gramáticas normativas, chamou a atenção dos pesquisadores contemporâneos, dentre eles, Ramos (2000), que, se apropriando desses conceitos, versa sobre a escassez de referências gramaticais acerca dos estudos que envolvem as PM:

lembramos que, talvez por pertencerem sobretudo ao domínio da linguagem falada, ainda pouco estudada entre nós e muitas vezes relegada para planos inferiores numa eventual escala de prestígio social, ainda é muito raro encontrarmos referência nas gramáticas portuguesas às **PM** (p. 4, grifo nosso).

O autor explica também que as PM, não estão ausentes dos textos escritos. As gramáticas lusitanas classificam-nas como partículas de realce, expletivas ou enfáticas. Essas partículas só podem ser consideradas expletivas, “dispensáveis” ao ato enunciativo, apenas de uma perspectiva sintática ou semântica. O valor delas é observado no nível sintático, com relação aos elementos que compõem a frase, e pragmático com relação aos atos de fala dos interlocutores.

Sobre este último nível, o pragmático, observamos que um enunciado que contém uma PM não apenas comunica, mas também demarca a intenção do falante ante o ato enunciativo. A exemplo, nos valeremos de um excerto de nossos dados, o mesmo que intitula este artigo:

(01) Vai pensando *ai*, L!

Diferente de:

(02) Vai pensando, L!

No exemplo (01), enquanto uma das parceiras da díade está dispersa, a outra tenta retomar o foco para a realização da atividade. Observe que em (02), suprimimos a PM “aí” e o contexto sintático e semântico não foi alterado, no entanto perdeu-se o que atenuaria a força do comando, a PM *aí*, deixando o que se enunciou, mais ríspido.

2.1 Delimitação: *aí* advérbio de lugar x *aí* PM

Versaremos, para fins de diferenciação, sobre o homônimo não modal de *aí*, que tradicionalmente nas gramáticas, conforme Cegalla (2007), é classificado como *advérbio*, e como tal é a “palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio”, podendo ainda, de acordo com a circunstância que indica, ser subdividido em *lugar, afirmação, dúvida, intensidade, modo, negação e tempo*.

Coube a Johnen (1994) instruir que, para reconhecer *aí* com função modal, deve-se fazer a pergunta “onde?”, que só poderia ser respondida satisfatoriamente se for advérbio de lugar:

(03) Os talheres estão *aí*. (onde? = local para encontrar os utensílios).

(04) Me diz *aí*. (onde? = sem indicação de local).

Assim, em (03) percebemos que a pergunta “onde?” nos levaria diretamente ao local onde estaríamos os utensílios procurados portanto; **não modal** e advérbio de lugar. Já em (04) a pergunta teste perde seu sentido de locativo, pois *aí*, neste caso, não indica o lugar onde o sujeito do exemplo poderia dizer algo, logo, **modal** e não advérbio locativo. Sobre essa função modal, assim versa Aquino:

a PM *aí* tem a função de expressar atos de fala diretivos em orações imperativas, interrogativas e declarativas. Neste contexto podemos identificar que ao invés de uma surpresa ou quebra de expectativas, a situação comunicativa parece ser compatível com atos de fala declarativos, como na oração: *Aí já é demais*. Ao utilizar a PM, a falante procura direcionar o interlocutor a compreender a sua intenção comunicativa (2022, p. 192. Grifo em itálico da autora)

Corroboramos Aquino no que tange ao papel de intensão comunicativa imbricado em uma PM. Além de outras funções⁵ que, por questões de espaço não discutiremos aqui, há também a função de estratégia de preservação da face (polidez), e a capacidade que tal partícula apresenta, se incluída em enunciados imperativos, para atenuar a força dos comandos. Tentaremos tornar evidente essa informação na análise de nossos dados, na próxima seção.

3 Sobre os dados e a metodologia

Trabalharemos com dados já colhidos (2013) pela equipe do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME), da Universidade Federal de Alagoas, utilizando a metodologia da Escrita Colaborativa. Nosso *corpus* é oriundo do projeto “Contos do como e do por que” e do projeto “Criar e Inventar: nossos primeiros contos” desenvolvido em escola particular de Maceió. A díade analisada (**L e A**) cursou, à época, o 1º ano do ensino fundamental, ambas recém alfabetizadas, com 6 anos e 6 meses naquela ocasião.

⁵ Referimo-nos a função de *aí* como marcador conversacional (cf. MARCUSCHI, 1991, p. 68).

No Brasil, não existem tantas pesquisas com crianças que escrevem em situação colaborativa. As investigações direcionadas a essa metodologia em sala de aula são recentes, sendo Calil e Felipeto (2021), os principais precursores dessa temática, com trabalhos que abordam a importância da escrita a dois e os processos que envolvem essa escrita, desde a concepção do texto até o produto final (FELIPETO, 2019).

O processo de escrita em ato, ou seja, aquele que é captado em tempo real, vai desde o momento em que o professor organiza as duplas, expõe a consigna, as díades combinam o que irão escrever e passam ao processo de escritura do texto, de modo que tudo é registrado por meio de áudio e vídeo no próprio ambiente da sala de aula através do Sistema Ramos.

Esse sistema proporciona ao pesquisador uma vantajosa ferramenta de captura multimodal (visual, sonora e escrita), oferecendo assim, informações simultâneas do processo de escritura. Consoante Calil, “poucas investigações conseguem registrar em contexto natural e ecológico de sala de aula, de modo espontâneo, rigoroso e preciso, o que acontece durante o processo de produção textual ou o que está sendo falado pelo escrevente”, (2020, p. 04).

É por meio do Sistema Ramos que o processo de escrita em ato é registrado de forma multimodal (áudio, vídeo e escrita) no próprio ambiente da sala de aula e graças a ele, é possível acessar a complexidade da escrita em pares. Dessa forma, o pesquisador pode contemplar não apenas o produto, mas também o processo, a partir de seu nascedouro. De acordo com Bouchard, Gaulmyn e Rabatel, a Escrita Colaborativa, é uma atividade que:

[...] observa situações em que a escrita nasceu do oral e onde a fase oral é usada para criar a escrita, oferecendo um ponto de vista privilegiado sobre o processo de produção escrita e execução de competências múltiplas, escrita e oral, do falante alfabetizado (2001, p. 9).

Assim, entendemos que o trabalho em pares provoca uma troca de ideias, pois a interação propicia aos alunos refletirem sobre a língua e desenvolverem habilidades discursivas e argumentativas quando juntos pensam e executam a escrita. Essa intensa troca constitui um celeiro fértil para pesquisadores que analisam o processo de escrita, além do texto dialogal, já que os estudantes discutem os rumos que a história inventada irá tomar.

Esta análise seguirá critérios quali-quantitativos, posto que sua intenção é contabilizar e descrever os usos da PM “*aí*”, em textos dialogais que se originaram na fala de escolares, enquanto discutem a produção de histórias inventadas. Após, categorizar em tabela a função dessa partícula no enunciado, seja ela o de atenuar ou intensificar a força dos comandos, e, posteriormente, discutir esses dados à luz dos pressupostos teóricos que nos servem de princípio basilar.

Nestes dados investigados, consideraremos também a construção “*peraí*” ou ainda “*pera aí*” forma reduzida de *espera* + *aí*, pois esta redução morfológica ainda contém (mesmo que aglutinada à redução) a partícula averiguada. Tal fenômeno é assim explicado pelo viés da gramaticalização, por Rosa (2012):

- (i) *espera aí*: forma básica a partir da qual surgem as alterações morfofonêmicas
- (ii) *pera aí*: queda da sílaba verbal pré-tônica, constituindo alteração do radical (*espera aí* > *pera aí*)
- (iii) *peraí*: aglutinação da forma verbal já afetada, como no processo supracitado, com o pronome locativo (*pera aí* > *peraí*)

Analisamos as transcrições do texto dialogal de 05 processos, que culminaram em 2.656 turnos de fala. Contextualizamos o que tais turnos contemplam além das falas da díade (foco de nosso *corpus*), as falas dos pesquisadores quando dão as instruções e instalam os equipamentos, as

falas da docente responsável pela turma e de outras díades que tomam a palavra e a tem capturada pelo Sistema Ramos.

Manteremos as normas de transcrição do LAME para as falas da díade, que sejam pertinentes a esta pesquisa ou para o entendimento contextual das falas, como os gestos e as pantomimas que as alunas fazem (essa descrição virá entre parênteses) quando estão dialogando.

Por não fazer parte do nosso escopo, omitiremos o uso dos colchetes que, na transcrição original, indica *o que* e *como* escreveu a aluna, no momento em que a história lhe fora ditada pela parceira. Em alguns momentos a inicial do nome da aluna aparecerá sublinhado, de acordo com as normas, indicado o aluno que estava escrevendo, naquela ocasião. Para diferenciar em um mesmo turno de fala, *ai* modal de *ai* não modal (advérbio locativo ou marcador discursivo), grifaremos as primeiras em negrito.

4 Análise e resultados

Conforme tratamos na seção anterior, analisamos cinco textos produzidos por uma díade que escreve colaborativamente, metodologia na qual uma dita e a outra escreve uma história inventada, após combinação prévia entre elas. Estes cinco textos proporcionaram 2.656 turnos de fala.

Abaixo, segue uma tabela com o título das histórias produzidas pela dupla, quantos turnos de fala cada produção originou e por fim, a soma total desses turnos. Separamos e analisamos os turnos de fala de apenas três produções, pois percebemos a repetição de enunciados idênticos, com a PM *ai*, nestas produções:

Tabela 01 - Ocorrência de PM e número de turnos

Título da história:	Número de ocorrências	Número de turnos de fala:
Todos a bordo	06	574
Fadas mágicas	16	806
Um menino e um cachorro	06	306
O castelo mal-assombrado	01	294
O rei malvado	03	676
Total geral	32	2.656

Fonte: elaboração própria

Baseamo-nos em Johnen (1994), que versa sobre duas funções distintas desta PM, e ratificado em nossos dados, observamos que a PM *ai*, cumpre dois papéis, sendo estes o de *atenuar* com polidez enunciados imperativos, e em outros contextos o de dar força, *intensificar* enunciados também imperativos. Assim, o quadro que se segue visa contextualizar nossos dados, separando os turnos de fala em *ai* como intensificador e *ai* como atenuante. Ambos em contextos imperativos:

Quadro 02 - PM *ai* como elemento modalizador

PM <i>ai</i> como intensificador:	(A. <u>puxa o estojo de L.</u> e compara o tamanho dos lápis.)
-----------------------------------	--

Texto “Um menino e um cachorro”	(01) A.: <u>Dá para fazer uma... um desse lápis desse tamanho sabia. É só... Você sabe jogar jogo da velha? (A. afirma com a cabeça) Vá faça aí. (tirando o estojo da banca para dá espaço)</u>
Texto “Fadas mágicas”	(02) A.: <u>Vai pensando aí, L.! Um... Uma...</u> (03) A.: <u>(SI) (Entrega o papel a L., como se estivesse aborrecida.) Vá escrevendo aí, vai!</u> (04) L.: <u>Tá bom!</u>
Texto: “Todos a bordo”	(05) L.: <u>Queriam o quê?</u> (06) A.: <u>Viajar.</u> (07) L.: <u>Calma, perai! ::: Para Paris, é?</u> (08) A.: <u>Unhum! Paris. (L. escrevendo).</u> (09) L.: <u>Tá aqui:: Paris tem acento!</u>
PM <i>aí</i> como atenuante: Texto: “Um menino e um cachorro”	(10) A.: <u>(...) eles terminaram de comer e foram passear e passearam felizes. Aí, você, aí a gente pensa em outra coisa! (Conta a história passando o dedo no papel, fingindo que está tudo escrito)</u> (11) A.: <u>Dói? Dói? (Apertando a tampa da caneta no braço de L.).</u> (12) L.: <u>Não.</u> (13) A.: <u>Vai, continua... É, dói não:: Vá pensando aí viu?, que eu vou guardar meu elástico. (...).</u> (14) L.: <u>Para, para (Rindo). Ela tá apagando que fiz errado.</u> (15) A.: <u>Fiz um risco assim, tia. Assim, perai! Aí eu faço errado em cima. Daí faz aqui no meio, ou aqui em cima?</u>

Fonte: elaboração própria

O quadro acima foi dividido em duas partes, separando as funções e identificando o título da história (lado esquerdo), que originou os turnos de fala (lado direito). A primeira parte do quadro contempla a função intensificadora de *aí*, em enunciados imperativos. Em nossos dados observamos isso quando **A.** para retomar o foco na produção de texto, por meio da Escrita Colaborativa, depois da distração em uma conversa trivial, diz ao final do turno (01) “*Vá faça aí?*”.

Algo semelhante ocorre em (02) e (03) com “*vai pensando aí, L!*” e “*Vai escrevendo aí, vai?*”, respectivamente. Enunciados fortemente imperativos, e devidamente intensificados, pois além da presença da PM com esta função, o possível aborrecimento de **A.** e transcrito nos dados. Proporcionado o ato irrepetível, preconizado pela Teoria Enunciativa benvenistiana.

Além disso, tais enunciados constituem um *ato que ameaça a face negativa do ouvinte*, pois estes implicam em pedidos, ordens, sugestões, conselhos ou ainda, avisos. O mesmo ocorre no enunciado (07), quando **L.**, que é a escrevente da rodada, pede calma e diz “*peraí!*” para que **A.** narre a história combinada mais devagar.

Discutiremos agora segunda parte do quadro 02, que contempla os turnos de fala que contêm a PM *ai* com função atenuante como uma estratégia de polidez, visando ao sucesso do que se é pedido, e para tal:

[...] o falante faz uso das estratégias de polidez, que podem ser definidas como os mecanismos linguísticos capazes de promoverem a atenuação de um ato, afastando, assim, a possibilidade de conflito em uma interação qualquer. As estratégias de polidez são usadas, então, para evitar um possível conflito gerado por um determinado ato, possibilitando, assim, que a interação verbal transcorra normalmente. (DE OLIVEIRA, 2004, p. 281)

Percebemos essas estratégias de polidez, quando **A.** no turno (10), afim de conseguir o que deseja (incluir na história que os personagens foram passear felizes), lança mão da PM *ai* em “*ai a gente pensa em outra coisa!*” incluindo-se, dessa feita e corrigindo-se quando enunciou antes “*ai você..!*” o que poderia ter soado como uma ordem e não uma sugestão.

No turno (13), **A.** diz: “*Vá pensando ai viu?*”, uma fala semelhante a que ocorreu no turno (02): “*Vai pensando ai, L!*”, na divisão que corresponde ao uso da PM *ai* como intensificador. Foi graças ao Sistema Ramos, método de captura multimodal, que nos permitiu identificar qual atenua e qual intensifica o comando. No caso, diferenciamos pela entonação de **A.** que na transcrição dos dados contou com o ponto de exclamação e ainda, entre parênteses, descreveu a emoção da aluna. Assim, observa-se no turno (13) que **A.** tenta atenuar um enunciado imperativo, mostrando uma polidez que não manifesta em sua fala inicial, no turno (02).

Em nossos dados, e exemplificado aqui em (15), percebemos o que Johnen (1994) já afirmava, quando apontava para a alta frequência da PM *ai* junto dos verbos *ouvir*, *escutar*, *olhar* e *esperar*. Sendo este último reduzido e posteriormente aglutinado em “*peraí!*”. No turno (15), **A.** dirigindo-se à professora utiliza-se mais uma vez de estratégia de polidez, buscando atenuar o que enuncia, ao dizer: “*Fiz um risco assim, tia. Assim, peraí!*”, para que este soe como um pedido e não uma ordem.

Brown e Levinson entendem que interação verbal sempre está sujeita a atos que ameaçam a face, pois o ato mais ordinário de contato entre os participantes de um diálogo poderia provocar um desequilíbrio das faces. Assim, mecanismos linguísticos, neste caso a estratégia de polidez, imbricada na PM *ai* (quando atenuante), poderia propiciar efeitos de sentido que colaborassem na preservação dessas faces.

Considerações finais

Atualmente várias pesquisas vêm analisando os diversos papéis que uma PM pode desempenhar nos enunciados, em função de sua complexidade semântico-funcional, além da importância comunicativa, imbricada na modalidade das PM, que tais partículas agregam aos diálogos cotidianos. Arantes (2017; 2022) e Aquino (2022) analisam de forma contrastiva as PM da língua portuguesa e as da língua alemã, e observa que essas partículas são muito profusas no alemão o que dificulta o aprendizado do idioma germânico por falantes não nativos.

Outras, ainda, debruçam-se sobre a força ilocutória nelas contidas (RAMOS, 2000) e como elas contribuem para acentuar a retoricidade, por meio da intenção que subjaz aos enunciados, utilizados pelos falantes como estratégia discursiva. Este fator afasta a pecha de uma PM ser vista

como um mero ornato ao enunciado, ou que possa ser descartada sem prejuízo semântico-pragmático ao contexto.

Neste trabalho buscamos refletir e analisar a função modal da partícula *aí*, em enunciados espontâneos, produzidos por uma díade de estudantes, escrevendo sob demanda escolar. Percebemos que tal partícula, além das funções já caracterizadas por Figueredo (2015), de concordância, anuência, exortação, entre outras, ainda pode contribuir em atos de fala, como estratégia de polidez, no tocante à preservação da face negativa do ouvinte.

Procuramos evidenciar tal estratégia em nosso *corpus*, diferenciando nos enunciados que *a priori* a seriam imperativos, a atuação da PM em atenuante e intensificadora.

Os resultados que obtivemos, aliando nossos dados aos pressupostos teóricos que nos serviram de esteio, foram satisfatórios, posto que demonstraram o “poder modal”, compreendido (cf. GREIMAS-COURTÉS, 1989) como a intensão do falante junto ao enunciado e para com seu interlocutor. Aferimos no nível sintático-pragmático que a PM *aí* pode atenuar ou amenizar uma ordem, convertendo-a em um pedido.

Assim, procuramos igualmente contribuir com os estudos sobre usos e funções das PM em língua portuguesa, e esperamos que tenham seu devido lugar nas gramáticas luso-brasileiras. No entanto, acreditamos que seria preciso estudos mais detalhados, como a análise prosódica dos enunciados imperativos que fazem uso das PM.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Marcella Cherchiglia; KAHIL, Tamires Arnal. As partículas modais Mas e Aí pela perspectiva de falantes do português brasileiro: uma investigação da linguagem em uso. **Confluência**, p. 172-198, 2022.

ARANTES, Poliana Coeli Costa. Análise pragmática do uso de partículas modais em alemão e em português: incentivo às abordagens metalinguísticas no ensino de alemão em contexto universitário. Uphoff, D. *et al.* **O ensino de alemão em contexto universitário: modalidades, desafios e perspectivas**. São Paulo: Humanitas, p. 123-144, 2017.

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral II. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989. (1ª edição Francesa 1974).

BOUCHARD, Robert; DE GAULMAYN, Marie-Madeleine.; RABATEL, Alain. **Le processus rédactionnel: écrire à plusieurs voix**. Paris: L'Harmattan, 2001.

BROWN, Penélope.; LEVINSON, Stephen. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CALIL, Eduardo. Sistema Ramos: método para captura multimodal de processos de escritura a dois no tempo e no espaço real da sala de aula. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 64, 2020.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46ª ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 2007.

FELIPETO, Sonia Cristina Simões. Escrita colaborativa e individual em sala de aula: uma análise de textos escritos por alunos do ensino fundamental. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 63, p. 133-152, 2019.

FELIPETO, Sonia Cristina Simões; CALIL, Eduardo. A rasura não visível capturada em processo de escrita colaborativa na sala de aula. **Manuscrita: Revista de Crítica Genética**, n. 44, p. 92-103, 2021.

FELIPETO, Sonia Cristina Simões; DA SILVA, Islan Lisboa. O uso de partículas modais por alunos recém-alfabetizados que estão escrevendo seus primeiros textos. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 22, n. 1, p. 1-13, 2019.

FIGUEREDO, Giacomo. Uma descrição sistêmico-funcional dos marcadores discursivos avaliativos em português brasileiro: a gramática das partículas modais. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 59, p. 281-308, 2015.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANCO, António. Partículas modais do português. Línguas e Literaturas, **Revista da Faculdade de Letras**, série II, 1990.

FRANCO, António. **Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão**. Coimbra: Coimbra, 1991.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1989.

JOHNEN, Thomas. Aí como partícula modal do português. In: MOTA, Jacyra (e d.): **Atas do 1o Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, vol. 2: Comunicações**, disquete 06: Lexicologia e Semântica. Salvador: Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 1994.

OLIVEIRA, Taísa Peres de. Polidez e linguagem: perspectivas. *Signótica*, v. 16, n. 2, p. 271-288, 2004.

RAMOS, Rui Lima. As partículas modais como co-indicadores ilocutórios: o caso das perguntas retóricas. **Anais do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Universidade do Minho Portugal, 2000.

ROSA, Flávia Saboya da Luz. **As expressões espera aí e espera lá na perspectiva da gramaticalização**. Niterói, RJ. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense. 2012.

SEARLE, John. **Speech acts: an essay in the philosophy of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem.** Porto Alegre, RS. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SILVA, Islan Lisboa da. **O uso de partículas modais em processos de escrita colaborativa realizados por alunos do fundamental.** Maceió, Al. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Alagoas, 2017.

SOUZA, Marilyn Landim de. **Funções comunicativas de partículas modais alemãs em fóruns de discussão na internet.** São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2008.

Submetido em 30/05/2023

Aceito em 18/10/2023